

# Grotesco ~ UM gótico Épico

por GE Graven



## Capítulo V



### ***Abadia de Gardiens ~ Agosto de 1347***

As tochas do túnel já haviam se apagado há muito tempo, exceto uma que agora estava inclinada. de um suporte de parede, iluminando a entrada dos pitorescos aposentos das catacumbas de Lázaro. Sob a boa luz, Ivan encostou seu corpo corpulento no batente da porta, com os olhos absortos em uma carta. Dentro do quarto, Lázaro estava sentado na beira da cama, bebendo de uma tigela de madeira.

Entre uma garfada e outra, Lázaro perguntou: "O que você lê, frade?"

"Uma carta que enviarei ao Frei Salvitino amanhã", respondeu Ivan, com os olhos absortos na carta.

"Quem é ele?"

"Um frade do Conselho Inferior viveu aqui na Abadia. Antes de você — antes mesmo de você nascer."

"Onde ele está agora?"

"Na Itália—Canello—o outro Mosteiro Conciliar."

"Por que você escreve para ele?"

"Ele me deve um favor. E ele pode nos ajudar com uma pequena questão — assim que partirmos para a Itália."

"Itália? Mas e a Borgonha?"

"Itália, em primeiro lugar."

"Frei Odino ainda vem conosco, não é?"

O monge confirmou com um aceno de cabeça. "Ele concordou."

"Qual é a dívida que este Frei Salvitino tem para com você?"

Ivan desviou brevemente o olhar da página. "Chega, Lázaro — coma."

Lázaro deu outra mordida e mastigou brevemente antes de se virar para Ivan. "Enquanto você estava fora, vi um homem ser trazido para cá e trancado em uma das celas. O que ele fez, frade?"

"O prisioneiro será julgado por heresia. Ele será levado pela manhã."

"O que ele fez?"

"Ele não te incomoda, Lázaro — coma. Já é tarde."

Lázaro lançou um olhar furtivo para Ivan, que estava absorto na carta. Ele tirou um pouco de carne e pão da tigela, jogou debaixo da cama e voltou a comer.

"Talvez ele esteja com fome", sugeriu Lázaro.

Ivan pigarreou, dobrando novamente a carta e guardando-a sob a túnica. "Termine sua refeição, filho. Não quero que você se aproxime dele. Está me acompanhando?"

"Sim, frade." Ivan espiou dentro da tigela e observou cada mordida até que Lázaro deslizou o último pedaço de pão por baixo da aba da máscara. Com um sorriso satisfeito, Ivan pegou sua tigela vazia. Lázaro se escondeu debaixo das cobertas.

Ivan o aconchegou na cama. "Suas orações?"

"Sim, frade. E rezei pelo prisioneiro."

"Excelente. Então, nos veremos amanhã. Durma bem."

"Boa noite, frade."

Ivan saiu da sala com passos firmes, retirou a tocha da parede e deixou as catacumbas.

Espiando por cima de um monte de cobertores, Lázaro observou os traços de sua porta desaparecerem na escuridão enquanto a luz da tocha de Ivan se espalhava pelo corredor. Então, ele ouviu o som de sandálias batendo contra a pedra enquanto Ivan subia a escadaria das catacumbas. Finalmente, Lázaro se sentou de repente ao ouvir o clangor de uma porta distante. Agora, movido mais pela curiosidade do que por instruções paternas, ele pegou a comida debaixo da cama, embrulhou-a em um pano e subiu o corredor na ponta dos pés. Ao chegar a uma interseção de túneis, o Túnel Benion à sua esquerda e um pequeno corredor à sua direita, ele virou à direita para entrar em uma pequena passagem de celas. Seis portas de celas alinhavam-se nas paredes — três em frente a três. Em vez de criptas para abrigar os mortos, essas câmaras eram celas de detenção equipadas com portas trancadas para aprisionar os vivos. Janelas estreitas nas portas tinham placas de ferro deslizantes.

Lázaro aproximou-se da última cela à direita. Deslizou a grade da janela; o som de orações murmuradas cessou.

“Olá, senhor. Trago comida. Sou Lázaro. Falarei com o senhor, se assim o desejar.”

A palha da cela farfalhou e uma voz falou: "Olá, Lázaro. Exaltado seja o nome do Senhor Cristo, que é Jesus."

Lázaro passou a comida pela janela, respondendo: "Bendito seja Ele. Aceite a comida, senhor."

Enquanto o prisioneiro recuperava o objeto, Lázaro lançou um olhar furtivo ao seu rosto. Era um jovem de cabelos claros, olhos castanhos e uma barba rala que revelava traços faciais delicados.

“Muito grato, sem dúvida”, respondeu o prisioneiro. Ele se agachou contra a porta, assim como Lázaro fez, deixando apenas cinco centímetros de tábuas de carvalho entre eles.

Lázaro cutucou a porta. "Por que você está aqui dentro?"

O prisioneiro respondeu com a boca cheia: "Acusado de heresia. Devo comparecer perante uma inquisição."

“O que você fez?”

“Eu vivo como Jesus viveu.”

“Então, como isso é heresia?”

O prisioneiro engoliu a comida e explicou: “Um bispo, acompanhado de muitos soldados, chegou à nossa aldeia e convocou uma assembleia. Ele anotou nossos nomes e profissões em seu diário.” livros de contagem — para determinar a quantia de nossos dízimos para a igreja. Como muitos na aldeia Nós éramos Irmãos da Penitência, da Ordem Terceira de São Francisco, e recusamos. Foi errado.”

"Pagar o dízimo é errado?", perguntou Lázaro.

Jesus viveu sua vida em perfeita pobreza apostólica. Todos os homens de Deus são chamados a viver como Cristo. Está escrito: "É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus". Um homem é pobre quando não tem moedas nem profissão. Contudo, ele ainda pode ser rico em Cristo e oferecer-Lhe o dízimo.”

“Como assim?”

“Deixem o dízimo dos campos sem colher, deixem o dízimo dos animais livres, deixem o dízimo dos frutos sem colher e deem o dízimo da sua comida a quem tiver fome. O dízimo é uma oferta, estabelecida.” à parte para Deus. Os templos não têm lugar para recolher dízimos de nada — são locais apenas para adoração.

“Mas a Igreja ajuda os pobres, não é?”

“Se a Igreja recolhe um dízimo destinado a Deus e o utiliza, independentemente das suas intenções, a oferta não é para Deus, mas para a Igreja. Essas são as palavras em Lucas e Mateus.”

“Eu sei as palavras, senhor. O senhor mostrou essas palavras ao bispo e aos soldados?”

“Eles os conhecem.”

“Por que vocês não disseram a eles que iriam trabalhar? Assim, quando eles partissem, todos vocês poderiam ter fugido.”

“Jesus fugiu?”

Lázaro coçou a cabeça e examinou as lajes antes de voltar sua atenção para o porta. “Então talvez você possa dizer a eles que seguirá a mesma profissão de Jesus. Diga a eles que sua profissão é ensinar as massas pobres sobre Deus. Ofereça a eles o dízimo de seus ensinamentos, sim?”

O prisioneiro deu uma risadinha. Lázaro inclinou a cabeça para o lado, como um cão perplexo. “Não é tão fácil, Lázaro. Devo fazer um juramento perante Deus. A Inquisição já preparou as perguntas que me condenarão. Não posso jurar e mentir. Já fui sentenciado — serei queimado.”

“Queimado? A Igreja queima pessoas?”

“Centenas; desde então, queimadas.”

“A Igreja? Ora, a Igreja é de Deus. Por que ela precisa queimar pessoas?”

“Muitas causas. Principalmente, por não pagar o dízimo ou por não se manter fiel a outra fé.”

Por fim, Lázaro retrucou: “Então, é mentira o que dizem as palavras de São Mateus: ‘Todos os pecados e blasfêmias serão perdoados aos homens, mas as blasfêmias contra o Espírito não lhes serão perdoadas’.”

“Não mentirás. Não te lembras destas palavras, Lázaro?”

Lázaro começou: “Eu os conheço, senhor. Mas, se eles o queimarem—”

“Não farei o juramento, como Jesus não fez. Não fugirei daqueles que me condenam injustamente. Nem lhes contarei uma mentira para me salvar.”

“Senhor, se eles o queimarem—”

“Jesus não mentiu nem tentou ninguém. Lázaro, não me tentes perante o Senhor.”

“Senhor, posso lhe pedir uma coisa?”

“De fato, Lázaro.”

“Por que você não me pediu para abrir esta porta, se sabe que eles vão queimá-lo?”

“Eu já sou livre. Esta porta, aberta ou fechada, não pode criar a liberdade. A liberdade é dentro de.”

“Poderia me permitir destrancar esta porta para que você possa fugir?”

“De modo nenhum. Está tentando-me novamente, Lázaro?”

“Não, senhor. Só não entendo por que o senhor não quer se salvar.”

“Fé, Lázaro. Eu já estou salvo, somente pela fé.”

“E eles te queimarão, como dizes?”

“Eles irão.”

“Se isso for verdade, senhor, por que eu nunca li sobre tais coisas?”

“Talvez você não esteja em condições de lê-los. No entanto, você é instruído. Você é um jovem clérigo?”

“Eu sou.”

“Ah! Eis a resposta. Assim como os homens domam os cavalos e pastoreiam o gado, você é o cavalo e a vaca. Os filhos se tornam seus pais e os jovens clérigos se tornam os frades a quem servem. Uma geração gera a próxima.”

Lázaro baixou a cabeça, ponderando sobre a sabedoria daquelas palavras, antes de se voltar novamente para a porta. “Qual é o seu nome, senhor, para que eu saiba por quem devo orar?”

“Sou um homem pobre em Cristo. Rezem por mim como tal.” Straw se remexeu. “Agradeço sua generosidade e companhia. Agora, preciso me voltar para minhas próprias orações. Bendito seja o nome do Senhor Cristo Jesus e bendito seja o testamento do Santo Pedro João de Olivi. Benditos sejam os seus nomes”, entoou o prisioneiro, rastejando para longe da porta. “Boa noite, Lázaro.”

Lázaro gritou atrás dele: “Pobre homem em Cristo?”

Silêncio.

“Pobre homem em Cristo?” Lázaro gritou novamente. Mas o prisioneiro não ofereceu mais nada de si.

Assim, Lázaro saiu da cela e afastou-se a passos largos. Contudo, a caminho do seu quarto, assim que deixou o corredor, um estalo emanou de um túnel adjacente à passagem principal e situado mesmo em frente à passagem por onde ele havia saído. O som, como de madeira a estilhaçar-se, ecoou das profundezas do Túnel Benion — o mais antigo das muitas artérias subterrâneas. Desde que Lázaro se lembrava — como uma lei gravada em pedra — havia uma regra permanente: ele podia vagar por todos os túneis das catacumbas, com exceção do Benion. Ivan o proibiu de pisar sob as perigosas pedras do teto, que estavam tão soltas que vazavam mesmo depois de uma chuva moderada. Além disso, como o Benion não passava de uma passagem lateral sem saída, que continha apenas portas de cripta seladas com Com os cabelos fundidos e incrustados por séculos de ferrugem, ele não tinha motivos para se aventurar ali. No entanto, Ivan havia subestimado o crescente senso de independência de Lázaro, como pais dedicados costumam fazer — confiando cegamente e sem enxergar a realidade.

Lázaro parou diante da entrada do Benion e ouviu o gotejar da água que ecoava por suas entranhas ocas. Novamente, ouviu o ruído, semelhante ao de tábuas estalando sob o peso de uma estrutura pesada.

fardo. A curiosidade o picou — o fruto da tentação o dominou — a independência o impulsionou. Assim, respirou fundo, olhou em volta e desceu furtivamente pelo Túnel Benion. Passou correndo pelas inúmeras portas das criptas, lançando-lhes apenas um olhar de relance. Por fim, chegou ao fim do corredor e descobriu a origem da comoção: a última porta da cripta estava curvada para fora, marcada por uma linha irregular de lascas que a cortava longitudinalmente. tábuas verticais.

Uma fresta já separava a porta de madeira de sua moldura de pedra, e a fechadura de ferro estava quebrada. De olhos arregalados, ele espiou entre a porta e a moldura e descobriu uma fileira de cavidades retangulares — túmulos ocupados, quatro de altura — esculpidas na parede direita de uma grande cripta. Lá dentro, uma mesa próxima bloqueava completamente a visão deles. Um crucifixo de ferro enferrujado estava pendurado na parede do fundo, mas apenas metade dele era visível — e menos ainda do cômodo sombrio.

Ele cheirou a abertura para discernir os odores segregados que emanavam do túmulo: o cheiro de tecido apodrecido; o aroma de ossos calcários; o fedor mofado de fungos antigos e a doçura da pedra úmida. Completamente tomado pela curiosidade, Lázaro enfiou os dedos na fresta e puxou. A porta raspou no chão enquanto ele a forçava a abrir mais. A madeira nova *estilhaçou — estilhaçou — até mesmo em —*

*“Bang!”* Instantaneamente, a porta explodiu, espalhando estilhaços de madeira contra a parede oposta. As pedras do arco acima da porta desabaram quando a pedra angular cedeu completamente. Mais acima, uma grande seção da parede e do teto adjacente cedeu a uma avalanche que caiu ao seu redor. Em meio ao caos estrondoso, ele mergulhou no canto mais distante da parede terminal enquanto alguns pedaços de alvenaria desabavam no chão.

O silêncio retornou, exceto pelo som de riachos de água murmurando contra as lajes. E quando a poeira e os detritos assentaram, Lázaro se levantou lentamente, sujo, mas ileso. Ele ergueu um par de orelhas caninas sob o capuz e procurou por sons. A água caindo era como um rugido pulsante; o deslizar de seixos assentando era como rochas se chocando em algum desfiladeiro profundo; o suave correr dos pés dos ratos era como cascos trovejantes. No entanto, a atenção de Lázaro permaneceu fixa na entrada do Túnel Benion. Ele não ouviu o rangido de uma porta de catacumba, nem o bater de sandálias de monge em uma escada de pedra, apenas o som do prisioneiro distante no corredor das celas enquanto se movia arrastando os pés na palha.

Lázaro examinou os destroços ao seu redor. A parede terminal do túnel permanecia praticamente intacta. ileso, exceto por uma pequena cavidade onde as pedras haviam caído ao seu lado — a seção danificada da muralha agora oferecia o que parecia ser um buraco sem fundo. Uma brisa mofada, com três séculos de idade, já jorrava da abertura. Então, ele percebeu que,

O que parecia ser o suposto fim do túnel abandonado de Benion era apenas uma parede falsa em ruínas — visivelmente, a passagem continuava.

Lázaro espreitou pela abertura, com o capuz esvoaçando diante do buraco que gemia ao vento. Em todos os aspectos, exceto um, o túnel subsequente era um reflexo da seção não selada. Poderia parecer que a passagem havia sido abandonada antes mesmo de ser concluída, já que, embora criptas revestissem as paredes do túnel, nenhuma das cavidades havia sido fechada com portas. Ele empurrou entre as pedras soltas e entrou. Ao que tudo indicava, as criptas nunca haviam abrigado restos mortais. A primeira não abrigou, nem a segunda — e os cadáveres sempre contaminavam as pedras subjacentes com uma pátina cor de ferrugem que nem mesmo séculos conseguiam remover. Ele continuou pelo túnel, passando a passos largos pelas inúmeras ruínas. criptas desocupadas e inacabadas.

Embora o ar nas criptas permanecesse limpo, à medida que ele se aventurava mais adiante pelo corredor, o ar confessava a presença da morte — intensificando-se com a contaminação de restos mortais antigos. Lázaro aprofundou-se ainda mais. No fim do túnel, descobriu que a entrada da última cripta era diferente das demais, pois continha uma porta curta e irregular, selada pelos restos de uma parede de pedra em ruínas — como se uma parede de pedras mais recente tivesse sido construída para ocultar qualquer vestígio da porta agora exposta. De além das tábuas rachadas da porta, emanava o cheiro de decomposição. Ele removeu pedras soltas, rasgou cortinas de teias de aranha, afastou tábuas lascadas, corroídas e desgastadas por cupins, e entrou sorrateiramente. Nem um raio de luz brilhava, mas naquela escuridão intocada e mortalmente silenciosa além dos restos dispersos da porta curta e irregular, as pupilas famintas de Lázaro dilataram-se anormalmente. Como orbes de um predador noturno perfeito, elas removeram as escamas da escuridão e viram tudo.

A cripta parecia ter sido usada como moradia, mas o odor era inconfundivelmente de túmulo. Cacos de cerâmica, tecidos apodrecidos e artefatos empoeirados estavam espalhados por toda parte. Lázaro vasculhou os nichos das paredes, sem encontrar nenhum corpo envolto em faixas de monge. Na verdade, os túmulos abertos serviam como prateleiras de armazenamento, contendo fragmentos de uma estranha miscelânea. E outro cheiro pairava no ar — o leve odor pungente de tinta. Lázaro atravessou a sala e parou diante de uma mesa estreita com um banco, que outrora servira de escrivaninha. Seu tampo estava marcado por arranhões, cera e manchas de tinta. Sobre ele, um tinteiro estava incrustado e vazio. Algo peculiar na mesa despertou sua atenção enquanto ele examinava sua superfície com mais atenção. Ele observou atentamente, inclinando a cabeça em um exame minucioso. Nem o tinteiro, nem as manchas, revelavam qualquer distinção; contudo, o que quer que lhe chamasse a atenção permanecia obscuro, mas sua existência era certa. Ele aproximou o nariz a poucos centímetros da mesa e cheirou. Mesmo assim, nada se destacou.

Então ele recuou, posicionando-se sobre a mesa — e lá estava ela. Lázaro limpou uma camada de poeira. Qualquer curiosidade que o atormentasse, manifestava-se apenas através dos seus olhos. Com a poeira e os detritos removidos, os arranhões restantes na mesa ganharam forma e ele não encontrou nada. Gravuras aleatórias, mas símbolos ordenados. Não eram imagens hieroglíficas — apresentavam -se mais claramente como fileiras contínuas de figuras geométricas. A posição e o espaçamento delas determinavam a pronúncia — e o significado — de Lázaro. olho. No padrão reconhecível, círculos e linhas formavam *letras* — *palavras* — *frases* — *que finalmente se reuniam em fluxos de significado* claros e compreensíveis . No entanto, as inscrições não eram francesas nem latinas, mas sim de uma língua estranha, desconhecida até então para o mundo da pena e do pergaminho. Na verdade, nenhum homem poderia ter escrito a mensagem na escrivania, pois sua língua jamais nascera na Terra. Com alguma dificuldade, Lázaro pronunciou as palavras e discerniu seu significado:

*Hoje, dei um presente ao meu irmão.*

*Esta cripta contém toda a minha palavra.*

*No canto da cripta,*

*Tem quatro pedras de altura—*

*A quarta pedra está solta.*

Lázaro olhou para o canto da cripta — precisamente quatro pedras da parede mais altas que as lajes do chão — uma estreita fresta de argamassa faltando circundava a borda de uma pedra desgastada. Ele deslizou a pedra da parede e, da cavidade remanescente de antigas teias de aranha, retirou um grosso rolo de páginas amareladas. Desenrolou-as sobre a escrivania.

A página superior continha uma carta com os seguintes dizeres:

*Por ti, meu irmão—*

*No vigésimo oitavo dia de setembro do ano de Nosso Senhor de Mil e Sessenta e Quatro, escrevo aqui a última de muitas folhas. Pesa meu coração, pois em breve... Conheço a condição da Morte. Seu cheiro me consome. Em minha perdição, sou levado a me maravilhar com a parte de Deus que permite que tais tristezas e maldades prevaleçam abaixo d'Ele. Não consigo compreendê-la — em tudo que vejo, jamais a entenderei. Minha fé Voou. A chama se extingue em meu peito, e eu não sou mais do que a Morte aguardando a Si mesma.*

*Devo alertá-lo sobre o Conselho. Por palavra do Conselho, me foi oferecido um pacto. Até então,*

*O pacto era este: por meio da minha tradução, eu decifraria para eles a língua da Pedra do Portal. Em troca, eles me concederiam a liberdade — uma liberdade que me permitiria fugir para sempre da Abadia dos Guardiões. Não me restou alternativa senão concordar.*

*Duas estações completas se passaram enquanto eu traduzia as passagens que me traziam uma a uma em meus aposentos. Nesse curto período, de todos os meus anos, vivi em plena satisfação como um homem de Deus. Meu confinamento não pesava mais sobre mim como um fardo, pois o Conselho adornava meus aposentos como se eu fosse um rei. Tudo me foi concedido. Exceto pelo afrouxamento das minhas correntes ou pela dispensa dos guardas papais e da fumaça sufocante de suas tochas, que permaneciam para sempre estacionados do lado de fora da minha porta.*

*Nada me faltava além da minha liberdade, e o sonho se tornou tão real quanto as correntes frias que prendiam meus braços. Contudo, perto da metade da segunda estação, fui tomado por uma tristeza inabalável. A ponto de afastar o sonho. Através da linguagem da Pedra do Portal, aprendi seu propósito. Isso me perturbou tanto que parei de rezar. Minha fé, Temo que esteja perdido para sempre. Nada desejo mais do que a morte. Pelo desígnio de Deus, jamais compreenderei Seus métodos, mas sempre saberei qual é o meu lugar Nele.*

*A partir daquele momento, interrompi as transdivinações, enfurecendo assim o Conselho. Em resposta, o Conselho removeu todos os móveis dos meus aposentos e me colocou de volta nas condições horríveis que eu havia sofrido antes de começar a trabalhar para eles. Fiquei doente. Depois de um longo período, concordei em concluir as transdivinações sob o acordo, apenas com a reafirmação da promessa de liberdade.*

*Já terminei o trabalho e três estações se passaram. Por um tempo, questioneei meu confinamento. O Abade do Conselho mencionou apenas este motivo: que eu oferecesse, por mais algum tempo, meus conselhos aos sacerdotes. Não os vejo há quase uma estação. Desde então, percebi que não sou mais útil ao Conselho, como evidenciado, em parte, pela piora das condições dos meus aposentos. Com o tempo, deduzi que eles nunca pretenderam me libertar deste cativo, nem mesmo desde o início. Estas são minhas últimas palavras, pois minha tinta está se esgotando agora. Para minha grande surpresa, o Abade do Conselho veio à minha cela esta manhã. Ele me informou que eu jamais seria libertado — isso contrariava a decisão final do Conselho, se bem me lembrava. Havia muita informação sobre o paradeiro e as palavras da pedra. Em vez disso, o Conselho me ofereceu a absolvição dos meus pecados, uma poção indolor para dormir e a promessa de um sepultamento sagrado.*

*Infelizmente, ainda tenho um dia para refletir sobre esta oferta, pois ele retornará amanhã .  
Mais uma vez, não tenho escolha senão aceitar a poção, para não ter que enfrentar os terrores do  
sol. Deixo com você, meu irmão, que consegue ler estas palavras, todas as inscrições  
originais da Pedra do Portal. Que você tenha mais sorte do que eu. Que você aprenda com a  
minha vida.*

*Na verdade, só posso vagar livremente através dos anos com a lembrança de uma doce tristeza.  
Vivi uma vida que não era minha, nesta cripta que não era minha, mas com um momento  
de sonho que foi inteiramente meu — um sonho de liberdade que se mostrou mais doce do que  
qualquer coisa que a própria liberdade pudesse me proporcionar.*

*Eu sou-*

*Clérigo Naramsin*

*—Tradutor do Conselho*

Uma brisa gélida agitou as páginas, trazendo consigo o cheiro de ossos em decomposição. Ele recolheu as páginas da escrivadinha e inspecionou melhor a cripta. Na parede oposta, no nicho mais baixo, um pano cobria algo completamente oculto. Ele se aproximou. Ao tocar o tecido, Lázaro se desfez em seus dedos como um lençol tecido com teias de aranha . Com cuidado, ele retirou o tecido apodrecido para revelar—

**“Ah!”** De repente, ele soltou o pano como se o tivesse mordido. Perdeu o fôlego e Ele caiu para trás no chão. Um arrepio percorreu seu corpo; seu coração palpitou. Uma sensação de queimação o invadiu. Cruelmente acorrentados à sua frente jaziam os restos mortais de um Grotesco adulto — os ossos de Naramsin . Ele já vira muitos cadáveres, mas nunca havia contemplado outro Grotesco. Presas grossas estavam ancoradas em um crânio humano. Ossos de asas jaziam sob o cadáver. Lázaro olhou para si mesmo — uma versão maior de si mesmo — decomposto e envolto em correntes!

Lázaro atingiu um estado de horror perfeito — aquela condição avassaladora e efêmera, comprimida entre um grito e um silêncio petrificado. Se não estivesse vivo demais, seu coração teria implorado à Morte que o silenciasse.

Ele saltou de pé e saiu correndo da cripta com os pergaminhos de Naramsin. Voou pelo Túnel Benion, mergulhou pelo buraco da parede falsa e saltou entre as pedras espalhadas. Num instante, estava de volta dentro das paredes imaculadas e familiares de seus aposentos.

Escondido sob os cobertores, no silêncio persistente, seu coração acelerava junto com seus pensamentos. Ele enfiou apressadamente os pergaminhos entre as dobras do seu tapete, verificou os cordões do capuz e afundou-se na cama. Sentia-se sujo — impuro por dentro. Ansiava por sonhos inocentes — qualquer coisa, menos a imagem horrível dos seus próprios restos mortais acorrentados. Nunca se sentira tão sozinho — tão ameaçado — tão mortalmente apavorado.

Juntos, as batidas fortes do seu coração e o tormento da sua mente o lançaram num pesadelo distorcido — não tanto um terror, mas o declínio de um estado mental sobrecarregado. Nesse sonho, ele se viu nu, subindo correndo a escadaria curva em direção à porta de entrada da catacumba, mais alta. Ele corria para a liberdade — ansiava por se libertar dos túneis — das paredes da morte que desmoronavam. Cada batida do seu coração era mais um degrau subido, mas quanto mais rápido subia, mais a entrada se distanciava dele, pairando ao longe. Escadas se sucediam — e ainda mais escadas. Em número suficiente até para ascender aos céus. E durante toda a noite rastejante, por mais eterna que parecesse, o sonho horrível se repetia sem parar — Tum -tum-tum-tum! Tum-tum-tum-tum!

~\*~

O brilho carmesim da primeira luz invadiu a Abadia de Gardiens. Contudo, com monges e escudeiros confinados aos seus aposentos e os serviços matinais suspensos, os terrenos sombrios da Abadia permaneciam tão inertes quanto a cripta de Naramsin . Mesmo assim, na maioria dos dormitórios, um sacerdote ajoelhava-se em oração. Aos pés de sua cama de tábuas, rezando por uma transformação indolor. Em outras, sombras de impaciência se moviam dentro das molduras de pedra de janelas estreitas, lançando olhares curiosos sobre o pátio. Uma atmosfera de inquietação — tensão pairava no ar.

Frei Ivan encostou-se à janela de sua cela, observando as vestes fantasmagóricas que cruzavam o teto do pátio. Ele vislumbrou o sol nascente e cravou os dedos na moldura da janela. Lá embaixo, o ritual começou quando o Abade Vonig escoltou três sacerdotes corpulentos até a casa de banhos.

Uma vez lá dentro, o Abade instruiu seus frades: “Vocês, tranque a porta e tomem seus lugares em a janela. Vocês dois — tragam a coisa. E cuidado com os dentes dela!” O Abade caminhou em direção a uma mesa de pedra próxima à parede leste. O tampo da mesa estava preto como carvão, visivelmente chamuscado por muitas fogueiras anteriores. Juntos, dois monges desapareceram na penumbra da casa de banhos, enquanto um terceiro contornou o Abade e espiou por uma fresta vertical entre as ripas fechadas da janela, que dava para a direção do amanhecer.

Arrastar os pés, gemidos e sibilos indicavam uma luta na parte de trás da casa de banhos. "Cuidado!" gritou Vonig. Ele tirou um pequeno frasco de sua túnica e aspergiu água sobre a mesa. Murmurou uma oração.

Os dois monges corpulentos voltaram com a Grotesca, conduzindo-a para fora enquanto ela se debatia contra eles. "O sol já ultrapassou a muralha, Abade!", gritou o sacerdote junto à janela. Vonig assentiu com um aceno de cabeça, ainda murmurando. Os monges a arrastaram até a mesa enquanto Vonig recitado de seu manuscrito; *"Pater noster, qui es in caelis, sanctificetur nomen tuum; adveniat regnum tuum; fiat voluntas tua in terra—"*

A grotesca apoiou os pés na lateral da mesa, lutando contra seus captores. enquanto ela gritava para eles: *"Baut! Eca am sha tular!"*

O Abade respondeu, continuando: *"—in terra sicut in caelo. Panem nostrum cotidianum da nobis hodie—"*

Ela sibilou para os monges, mantendo-se afastada da mesa enquanto se debatia. Os sacerdotes colocaram tiras de couro em seus pulsos e tornozelos. Puxaram as amarras, desequilibrando-a antes de arrastá-la sobre o tampo da mesa, com suas asas batendo em seus rostos. Os monges se posicionaram em ambos os lados da mesa, cada um segurando um par de tiras que prendiam suas mãos e pés à laje de pedra. A luta havia terminado; ela Não conseguia se libertar. Sentada de joelhos, ela só conseguia encarar o Abade. Os olhos de Vonig percorreram as palavras escritas. *"—et dimitte nobis debita nostra, sicut et nos—"*

A Grotesca o interrompeu com um apelo suave e feminino. *"Shat na cawt—hmm? Cawt?"*

Vonig desviou o olhar e ergueu brevemente os olhos do tomo que segurava no colo, descobrindo um rosto gentil, porém terrivelmente aflito — percebendo até mesmo as lágrimas que se acumulavam em um par de impressionantes olhos azuis. E notou claramente, como se fosse a primeira vez, que ela parecia muito mais humana do que qualquer Grotesco que ele já vira — em toda a sua vida. Claramente, além das asas e orelhas, ela poderia parecer nada mais do que uma pobre garota aterrorizada, presa entre as amarras de dois sacerdotes corpulentos e carrancudos.

Vonig desviou o olhar perturbado e continuou: *"—et nos dimittimus—"* Vonig engasgou com as palavras. Limpou a garganta: *"—et nos dimittimus debitoribus nostris—"* Novamente, sua voz falhou. Interrompeu sua recitação, girou nos calcanhares e gritou para o padre do outro lado da casa de banhos: "Descubra a janela maldita! Faça isso agora!"

Os dois monges se recostaram em suas amarras. Ela sibilou para eles. O outro sacerdote agarrou as venezianas de madeira, mas hesitou. Ele olhou para trás, para o Grotesco, fazendo uma careta, quando Vonig percebeu lágrimas brotando em seus olhos.

"Pare com isso, frei!", repreendeu-o Vonig. Imediatamente, o padre abriu as persianas.

e raios de sol banhavam a casa de banhos.

“Grito!” Um grito agudo ecoou pelos jardins da Abadia. Uma nuvem de cinzas fervilhava para fora da janela da casa de banhos.

A porta da casa de banhos abriu-se de repente e um Vonig tossindo saiu cambaleando da entrada cheia de fumaça, esfregando os olhos enquanto se apressava para seu escritório. Logo em seguida, os monges restantes saíram do prédio, carregando consigo uma estátua de pedra de mais um Grotesco — outro Eljo fulminado pelo sol, com asas abertas — sua postura congelada em posição de joelhos e seu rosto voltado para cima revelando uma expressão granítica de agonia absoluta.

Do outro lado do pátio, a moldura estreita da janela de um dormitório no segundo andar delineava um sacerdote alto, com uma coroa de cabelos grisalhos, chorando, com a mão sobre a boca. Ao lado do telhado do dormitório, outro par de olhos contemplava os monges e sua estátua: esferas negras e brilhantes de um corvo luminoso empoleirado no topo da ameixeira do pátio. Ele observava reverentemente enquanto os três monges carregavam a mais recente obra da série Gardiens Grotesque — o último “presente” de Gardiens a ser entregue ao Mosteiro de Canello, no centro da Itália, para ser instalado no parapeito da catedral.

~\*~

Ivan entrou na catacumba. Desceu a escadaria e deparou-se com Lázaro, que estava parado segurando uma tocha acesa e inquieto.

Ivan parou nos degraus. “Lázaro?”

“Frei, há algo que preciso lhe contar. Aconteceu ontem à noite.”

“O que aconteceu?” Ivan desceu apressadamente os degraus restantes. “O que aconteceu?” Contornou Lázaro e uma esquina pedregosa, descobrindo que as tochas das catacumbas já estavam acesas. “Por que acenderam todas as tochas tão cedo — e antes da minha chegada?”

“Houve um contratempo, frade.”

“O prisioneiro?”

“O teto desabou.”

“O quê? Você está ferido?” Ivan agarrou seu braço, virando-o e examinando-o com a urgência de um guardião severo e aflito.

“Não, frade.”

“Mostre-me!” Ivan pegou a tocha de Lázaro e o seguiu até o final do Túnel Benion.

Ivan ergueu a tocha, pisando sobre as pedras e inspecionando os danos.

Então ele avistou o buraco enorme na parede e paralisou.

“O túnel continua?” Ele se virou para Lázaro, com a sobranceira arqueada em descrença.

“Sim, frade.”

Ivan segurou sua tocha ao lado do buraco e a chama oscilava na brisa gemendo.

“Fiquem aqui”, disse Ivan, subindo pela cavidade.

“Mas eu já...” Lázaro se interrompeu.

Ivan olhou para trás e perguntou: "Você esteve aqui?"

“Sim, frade, mas—”

“Então, discutiremos sua desobediência mais tarde.”

Lázaro baixou a cabeça. Assim que passou pelo buraco, Ivan olhou para trás. "Bem, venha."

Então, vamos lá, já que você conhece o caminho.”

Lázaro saltou atrás dele.

Enquanto Ivan iluminava cada uma das criptas vazias, Lázaro o seguia de perto. Mas o menino ficou para trás quando Ivan se aproximou da última cripta.

“Frade, há ... há ossos lá dentro”, admitiu Lázaro, apontando para uma porta aberta, cuja entrada estava coberta de pedras.

Ivan entrou, mas Lázaro permaneceu onde estava. Ele aguçou os ouvidos sob o capuz. Ouviu Ivan afastar o pano apodrecido — ouviu Ivan prender a respiração — ouviu o silêncio prolongado que se seguiu e, quando Ivan saiu da cripta, Lázaro estudou seu rosto à luz da tocha. Ivan estava pálido e abatido, mas não disse nada. Apenas fitou o chão entre ele e Lázaro, como se estivesse perdido em pensamentos.

Lázaro quebrou o silêncio. "Frade, ele é como eu. Viu? E ele usa correntes."

Ivan passou por Lázaro apressadamente. "Precisamos ir. Agora!" Ele não olhou para trás nem uma vez.

“Frei, por que ele está aí dentro?” perguntou Lázaro, apressadamente ficando para trás dele.

“Eu esperava que você permanecesse na cama. Não diga nada sobre o que viu. Sem mais perguntas.”

O menino percebeu a raiva em sua língua afiada.

“Perdoe-me, frade.” Lázaro acelerou o passo para acompanhar a passada rápida e firme de Ivan.

Após deixarem a seção recém-descoberta do túnel, Ivan pediu a Lázaro que o ajudasse a selar o buraco com as pedras que haviam caído anteriormente. Lázaro trouxe-lhe uma espátula e reabasteceu os baldes com argamassa e água. Finalmente, quando Ivan teve certeza de que nenhum outro monge suspeitaria que a parede fosse falsa, ordenou a Lázaro que retornasse aos seus aposentos e lá permanecesse.

Ivan tinha plena consciência de que a restauração do Túnel Benion deveria incluir a elevação de um nova parede contra a parede falsa recém-descoberta. Se seus colegas sacerdotes descobrissem a

Se encontrassem os restos do Grotesco — no caos de rumores e alvoroço que inevitavelmente resultaria de suas descobertas —, então atenção indevida poderia recair diretamente sobre Lázaro. Ninguém deveria saber, concluiu ele, ponderando sobre os planos de restauração enquanto saía das catacumbas em direção ao escritório do Abade. Afinal, a idade do Túnel Benion não era segredo. Há muito tempo, alertara o Abade Vonig sobre seu eventual colapso e, dada a sua antiguidade, o momento era apenas uma questão de tempo.

~\*~

Os jardins da Abadia fervilhavam de monges e meninos com a cabeça raspada. O sino do portão principal tocava à distância. Por fim, um escudeiro de túnica atravessou o pátio correndo. Como Lázaro — como um fantasma de estopa — o menino usava uma máscara com buracos para os olhos. Um capuz completo cobria sua cabeça. Ele passou voando por um monge que o repreendeu. “Migual! *Correndo?*”

O menino diminuiu o passo para uma passada rápida. No extremo oposto da Abadia, parou diante do Frei Grate e fez uma reverência. O padre o notou. “Migual, sua máscara está rasgada perto do olho.” buraco. Peça ao Frei Ivan para costurá-lo ou fazer um novo.”

“Frei Ivan já está costurando uma máscara *nova*. Frei, eu... posso falar?” As palavras arrastadas do menino indicavam uma grave deformidade na boca, escondida sob a máscara rasgada.

“Então fale logo.”

“Soldados no portão! De Avignon! Carruagem com eles... um padre dentro! Túnica vermelha!”, gaguejou o escudeiro.

“O que ele usa na cabeça, rapaz?” , perguntou Grate, subitamente tomado pela emoção.

“Boné branco *em volta* das orelhas. Outro no colo — é grande. Chapéu *vermelho* .”

“Mas que diabos—” instruiu Grate ao rapaz. “Escute-me! Informe o Abade que um Cardeal chegou de Avignon! Agora, vá!”

O rapaz fez uma reverência e afastou-se rapidamente quando Grate o repreendeu. “Migual! *Corra!*” O escudeiro disparou e virou a esquina em disparada.

O clangor do sino continuou enquanto Grate caminhava até a entrada principal. Ele avistou um soldado alto, com cabelos negros encaracolados na altura dos ombros, bigode fino e cavanhaque, e olhos verde-jade, parado em frente ao portão. Uma cicatriz profunda marcava a bochecha de um rosto severo e endurecido pela batalha. Grate destrancou e escancarou o portão. O soldado cuspiu no chão antes de contorná-lo. Ao passar, lançou-lhe um olhar frio e resmungou: “Ou você precisa de um sino maior ou de orelhas maiores.”

Grate franziu a testa, olhando para a saliva do Capitão Bourne. Então, avistou o Cardeal Blasi saindo de uma carruagem. Blasi aproximou-se de Grate, ajeitando seu chapéu de abas largas sobre os olhos diabólicos. Grate sorriu, fez uma reverência e beijou a mão estendida e inerte de Blasi .

O frade ergueu o arco enquanto falava. "Vossa Eminência; a Abadia de Gardiens está verdadeiramente honrada."

“E quem seria você?”

Grate se levantou. “Frei Maurice Grate, Vossa Eminência—zelador dos hóspedes e supervisor das visitas.”

“Muito bem, Frei Grate. Acompanhe-me até o Abade.” O frade se virou, Blasi o seguiu enquanto o Capitão se aproximava, acenando para quatro de seus homens o acompanharem enquanto falava: “Tenho duzentos homens, quatorze cavalos e seis carroças de suprimentos. Preciso que cuidem deles.”

Imediatamente, Grate acenou para um jovem clérigo caminhar ao seu lado. “Vá até os estábulos e informe Frei Festoneau que temos hóspedes — quatorze cavalos que precisam urgentemente de atenção.” O menino inclinou a cabeça raspada e desapareceu.

Grate dirigiu-se a Blasi. “Talvez você e seus homens estejam com fome? Se quiserem, podemos abrir o refeitório e as cozinhas imediatamente?”

“Que assim seja”, latiu Blasi.

Grate prosseguiu. “E a sua festa se estenderá até a noite, Vossa Eminência?”

“Vários dias.”

Grate parou abruptamente. “Days, Vossa Eminência? Nossa Abadia não tem acomodações suficientes para tantos homens!”

Blasi o incentivou. “Discutiremos os detalhes oportunamente, frade. Primeiro, o Abade.”

Do outro lado do pátio, monges e escudeiros observavam a procissão boquiabertos — todos os visitantes eram estrangeiros. Blasi não lhes dava atenção, mas Bourne examinava a todos com esmero. Seus olhos observavam. Sem qualquer cortesia, eles se dispersavam, medindo, avaliando. O grupo entrou em um prédio e Bourne estalou os dedos ao lado da porta. Dois soldados saíram de trás dele e ficaram em posição de sentido do lado de fora. Grate conduziu Blasi por um corredor até o escritório do Abade. Ele bateu levemente na porta.

Uma voz rouca respondeu de dentro: “Entrem!” Novamente, Bourne estalou os dedos e seus soldados obedeceram; flanquearam-nos e ficaram em posição de sentido do lado de fora da porta. Grate, Blasi e Bourne entraram no escritório e encontraram o Abade Vonig de costas para eles, de frente para uma estante de livros. Vonig virou-se lentamente, com toda a atenção voltada para um livro aberto que segurava nas mãos. Por fim, ergueu os olhos, subitamente surpreso ao ver um Cardeal em seu escritório. Fez uma reverência. “Vossa Eminência.”

“Abade”, respondeu Blasi da mesma forma.

Grate interrompeu. “Abade Vonig, Sua Eminência, Cardeal—hum—”

“Cardeal Masson”, Blasi ajudou Grate com a apresentação — usando o mesmo pseudônimo.

de 'Masson' ao obter acesso indevido aos Apócrifos.

Grate prosseguiu com a apresentação, estendendo a mão em direção a Blasi: "Sua Eminência, o Cardeal Masson, veio de Avignon para honrar nossa Abadia."

"É tudo por hoje, Frei Grate." Vonig o dispensou, devolvendo o livro à estante.

Grate fez uma reverência e saiu. "Infelizmente, trago más notícias — de Sua Santidade. O senhor está ciente de que seus cardeais do Conselho Superior, Basiliste e Lean, já faleceram?"

"Tomei conhecimento disso em correspondências recentes", admitiu Vonig. Bourne examinou a sala.

Blasi fez uma expressão amigável. "No entanto, às vezes, na escuridão do desespero, descobrimos um vislumbre de esperança. Abade, tendo isso em vista, trago também boas novas."

"Ah?" Vonig sorriu.

"Você foi nomeado para servir no Conselho Superior dos Apócrifos. Seu serviço dedicado ao Conselho lhe rendeu considerável prestígio aos olhos de Sua Santidade. Ele o aguarda em Avignon."

O abade desfez o sorriso. "Conselho Superior? Sou apenas um bispo. Somente cardeais servem como membros do Conselho Superior."

Blasi hesitou, recompôs-se abruptamente e disse: "Seja como for, você e o Abade do Conselho Inferior na Itália estão agora promovidos ao Conselho Superior."

"Domingus?"

"Sim, Abade Domingus de Canello. Sua Santidade convocou ambos ao Palácio Papal — sem demora."

"Mas e a Abadia? Quem a supervisionará—"

Blasi o interrompeu com um gesto de mão e um tom tranquilizador na voz. "Sua Santidade está plenamente ciente do que guarda. É exatamente por isso que estou aqui. É também por isso que há tanta escolta. A Abadia está completamente segura. Sua Santidade me instruiu a servir como Abade interino desta Abadia até que ele possa nomear um substituto adequado. Além disso, outro Cardeal escoltado está a caminho do Mosteiro de Canello, na Itália, e servirá como Abade interino lá até que um sucessor adequado seja encontrado."

Blasi levou as mãos à parte inferior das costas e sorriu. "Abade Vonig, eu o parabeno por sua nomeação ao Conselho Superior, e devo acrescentar que seus anos de serviço dedicado aos Apócrifos são bastante notáveis."

O Abade Vonig pressentiu algo errado. Antes da morte do Cardeal Lean, este lhe enviou uma carta. O Cardeal contou-lhe que o Papa Clemente ainda desconhecava o propósito secreto do Concílio Apócrifo — ou o papel dos seus dois mosteiros — ou os deveres esperados do Papa como seu chefe oficial.

Vonig questionou Blasi. "Eminência Masson, visto que não houve Conselho Superior

Após a morte de Sua Eminência, o Cardeal Lean, como Sua Santidade tomou conhecimento de assuntos relacionados aos Apócrifos?

“Sua Santidade já examinou os registros dos arquivos dos Apócrifos”, rebateu Blasi.

“No entanto, um incêndio destruiu seus registros. Como Sua Santidade poderia inspecionar registros que foram queimados anteriormente?”

“Talvez nem tudo tenha queimado; não tenho uma resposta pronta. No entanto, você poderia questionar Sua Santidade com tais detalhes — durante sua visita a Ele.”

Vonig estreitou os olhos. “Se Vossa Eminência não for incômodo, poderia me ver a ordem de nomeação de Sua Santidade?”

“Sim, pode, Abade.” Blasi retirou uma carta de suas vestes.

O abade rompeu o selo de cera da carta e leu as ordens — ordens assinadas pelo Papa Clemente.

Vonig dobrou a carta novamente e examinou as duas metades do selo de cera. “Por que não traz a impressão da insígnia de Sua Santidade?”

Blasi defendeu o documento: “Como você bem sabe, a natureza do Conselho é secreta.” Sua Santidade insiste que somente cardeais governem os dois mosteiros apócrifos. Você deve se dirigir a Ele com quaisquer problemas que possam lhe afligir. E Ele espera por você, imediatamente.”

Vonig olhou para Bourne. Olhos verdes o encararam de volta. Vonig admitiu a Blasi, com o peito afundando: “Não posso servir como membro do Conselho Superior. Estou velho e cansado; meus dias estão contados.”

“Então, Abade, deve informar Sua Santidade sobre sua condição. Eu apenas entrego sua intimação.”

“Não posso servir—”

Blasi interrompeu. “O Château Mallow, em Avignon, espera por você. Será sua nova residência. Você tem até amanhã para recolher seus pertences. O Capitão se encarregará de guardar seus objetos pessoais adequadamente. E você poderá marcar um encontro com os monges residentes para informá-los sobre a boa notícia e me apresentar como o novo abade.”

“Sim, Vossa Eminência.”

“Abade, presumo que o senhor não esteja satisfeito com a decisão de Sua Santidade.”

Vonig expressou sua decepção. “A morte é algo que costumo refletir nesta idade. Tenho um jazigo nas catacumbas — um que temo que nunca poderei usar.”

“Os detalhes da sua morte podem ser acertados, Abade. Primeiramente, o senhor deve se apresentar a Sua Santidade. Eu ficarei nos aposentos de hóspedes enquanto o senhor permanecer como abade. O senhor se encarregará disso.” que os guardas e os cavalos sejam bem cuidados?”

“Sim, poderei. Talvez eu possa designar uma escolta para você até o—”

Blasi o interrompeu. "Encontrarei meu próprio caminho, Abade."

“De fato, Vossa Eminência.” Vonig fez uma reverência enquanto Blasi se retirava do escritório, levando consigo Bourne. Vonig voltou-se para a janela e ficou olhando fixamente, a carta falsificada tremendo em sua mão frágil. Pensou em Ivan e naquele menino Lázaro deformado; refletiu sobre a cripta que mandara cavar e reservara para si; e, muito provavelmente, concluiu, seus restos mortais jamais retornariam à amada Abadia à qual servira por tanto tempo.

Vonig trancou-se em seu escritório. Blasi familiarizou-se com o terreno e as instalações. O Capitão Bourne vasculhou a Abadia com tropas, posicionando guardas no que considerava posições-chave. Ao cair da noite, o Capitão transformou a Abadia no que parecia ser uma fortaleza impenetrável — sem entrada, sem saída, e um soldado vigilante em cada esquina.

Na manhã seguinte, logo após as missas, o Abade Vonig acalmou seus monges aflitos, informando-os de sua transferência para Avignon. Ao meio-dia, ele embarcou na carruagem e soldados a cavalo o escoltaram. Blasi se moveu com pressa deliberada. O novo abade convocou uma reunião apenas com os frades mais antigos da Abadia — somente aqueles que conheciam a existência da Pedra Fundamental e o verdadeiro propósito da Abadia, como sua guardiã. Sua justificativa para convocar a reunião era simples: dissecar o corpo dos frades do Conselho Inferior, seguindo a prática padrão de qualquer inquisição eclesiástica. E como cardeal universitário, Blasi era bastante versado na arte da caça às bruxas. Como ele sabia, o método de qualquer inquisição era rígido e descomplicado: convocar uma assembleia, introduzir autoridade absoluta, exigir confissões de delitos e, em seguida, dividir as massas por meio de testemunhos uns contra os outros.

Em sua assembleia convocada dos Frades Seniores, Blasi instruiu cada sacerdote a redigir uma carta e entregá-la a ele ao anoitecer. Nela, ele esperava três coisas. Primeiro, que os sacerdotes deveriam... Liste todas as instalações e práticas da Abadia que poderiam ser melhoradas. Embora Blasi se mostrasse bastante indiferente às sugestões de melhoria, a lista serviu bem para distrair os monges das duas listas seguintes, que eram fundamentais para o seu plano e as próprias causas da Inquisição. A segunda expectativa de Blasi era que os padres oferecessem testemunhos incriminatórios sobre seus colegas, listando todo comportamento presenciado que pudesse parecer "incompatível" com o de um monge. Terceiro e último ponto, Blasi esperava que eles escrevessem confissões pessoais de transgressões. Ele informou aos frades que todas as confissões escritas permaneceriam confidenciais.

Indignados, os frades mais velhos pouco puderam fazer além de acatar a proposta. O exercício de Blasi, no entanto,

Por mais severo que pudesse parecer, o método provou ser altamente eficaz, pois, tal como acontece com uma debulhadora de grãos, separou o joio do trigo — a boa semente da má. Com a eliminação daqueles monges bons e íntegros, apenas sete sacerdotes de conduta questionável vieram à tona. Desses sete, Blasi riscou Frei Odino da lista — ele não queria ter, o que considerava, um "bêbado obeso".  
participando da inauguração da Pedra Fundamental. Blasi riscou também um nome italiano, pois desejava que apenas franceses participassem do que ele considerava uma causa francesa. Assim, restaram apenas cinco monges.

Um a um e em particular, Blasi chamou os cinco monges ao gabinete do abade. Repetiu a mesma história para cada um deles: que estava sob ordens conjuntas do Papa Clemente da Santa Sé e do Rei Filipe da França para usar a Pedra do Portão como arma contra os ingleses. Por fim, perguntou a cada monge se estariam dispostos a ajudá-lo a expulsar os ingleses de Crécy.

Dos cinco monges da lista, Clódio e Greville concordaram em ajudar Blasi com a Pedra do Portal, porém, insinuaram fortemente que realocações de funções seriam uma compensação adequada — como possíveis supervisores das catacumbas da Abadia. Eles desejavam os cargos de Ivan e Odino. Blasi concordou com as realocações somente depois que eles o ajudaram com a Pedra do Portal. Dos três monges restantes, Frei Grate não estava tão disposto a ajudar; contudo, com um empurrãozinho e uma ameaça velada, Blasi o convenceu abruptamente. Os dois frades restantes se recusaram categoricamente a ajudar Blasi e o advertiram sobre as prováveis consequências terríveis por perturbar a Pedra do Portal. Blasi expressou decepção com a obstinada recusa deles e os dispensou do escritório — apenas para acenar discretamente para o Capitão Bourne, que estava parado do lado de fora da porta aberta. Consequentemente, Bourne escoltou os dois frades para o campo para descansarem ao lado do Abade Vonig, com os lábios permanentemente selados com terra.

Para sua surpresa, Blasi sentiu como se tivesse realizado o aparentemente impossível. Com apenas três vidas gastas, ele assumiu o controle da Abadia de Gardiens e de seu portal protegido, e garantiu a ajuda de três frades seniores, mantendo, durante todo o tempo, suas intenções em segredo.

Nos dias seguintes, Blasi isolou-se no gabinete do abade, debruçando-se sobre manuscritos da Abadia há muito guardados, páginas rasgadas que ele retirou dos arquivos dos Apócrifos e os esquemas da catedral da Abadia. Embora absorto em sua missão maior de expulsar os ingleses da França, Blasi garantiu que os monges e escudeiros residentes continuassem suas rotinas, mesmo enquanto se conformavam com a fortaleza cada vez mais rígida de Bourne.

como a atmosfera.

~\*~

Um monge de rosto curtido pelo sol permanecia em silenciosa meditação além dos estábulos da Abadia. Muitos anos como supervisor dos estábulos haviam endurecido sua aparência. Não fosse por sua batina, ele poderia parecer apenas um fazendeiro. Pouco restava de seus finos cabelos castanhos, e o topo de sua cabeça estava coberto de manchas marrons, marcas de seus muitos verões quentes dedicados aos trabalhos ao ar livre. Frei Festoneau era um frade sênior e membro do Conselho Inferior. Os estábulos e os cavalos estavam sob seus cuidados, assim como os jovens clérigos da Abadia que transportavam regularmente a correspondência entre a Abadia de Gardiens e uma agência postal na cidade de Orléans.

Com as mãos de ferro apoiadas nos quadris estreitos e cobertos por vestes, Festoneau observava um sol minguante e doentio desaparecer além de uma linha escura e rígida no horizonte. Acima, os raios moribundos do dia banhavam as altas nuvens em tons coloridos que, em conjunto, pareciam cintilar como um fogo celestial. No ar frio do crepúsculo, o sopro de um cavalo quebrou o silêncio. Festoneau baixou os braços, bufou e caminhou rapidamente até a frente dos estábulos — ele esperava uma entrega de correspondência várias horas antes do anoitecer.

Ao virar a esquina do edifício, o sacerdote viu uma figura vestida com uma túnica e uma lanterna acesa. A silhueta, alta, aproximava-se dos estábulos vinda do portão norte da Abadia. Ao chegar perto de Festoneau, perguntou: "O que impede a entrega dos correios?" Festoneau respondeu com sua própria pergunta: "Você viu meu mensageiro?" "De fato, há algum tempo, no portão da frente, com Frei Grate e o menino Miguel. Eu reuni Ele já deve estar nos estábulos."

Festoneau avistou uma sombra perto da entrada da Abadia, cuja distância diminuía rapidamente ao som de cascos galopando.

"Os soldados estão por toda parte", lamentou o monge sombrio, abaixando sua lanterna. Ele parou ao lado de Festoneau e encarou o jovem clérigo que se aproximava. "Eles me detiveram no portão por um tempão. Digo agora, Festoneau: há mais por trás desses acontecimentos do que aparenta. Que abadia precisa de um exército para governar suas boas intenções?" Festoneau colocou as mãos na cintura e lançou um olhar estreito para seu escudeiro que galopava.

O mensageiro puxou as rédeas do cavalo. Festoneau segurou o freio enquanto o jovem de cabelos raspados desmontava. "Agora preciso cuidar do meu cavalo no escuro! Você vai explicar esse atraso agora mesmo!", repreendeu Festoneau.

O escudeiro curvou-se e confessou: "Perdoe-me, frade. Eu cuidarei do cavalo, frade."

Se você quiser. Deixei cair a sacola de correspondência perto do portão da frente. Tive que procurá-la. “Por metade do dia?” , perguntou Festoneau, conduzindo o cavalo para os estábulos. Então parou e se virou. “Por que ela está reclamando comigo? Você a montou com força de novo, garoto?” Novamente, o mensageiro estalou os dedos. “Perdoe-me, frade. Achei melhor chegar antes do anoitecer — como o senhor deve esperar do meu retorno. Saí de Orléans tarde, pois o mensageiro de Avignon também chegou tarde. Mesmo assim, dei água ao cavalo no portão da frente.”

E ela foi alimentada apenas superficialmente em Orléans.”

“Entendo.” Festoneau bateu as rédeas do cavalo em um poste. O outro monge ergueu sua lanterna para melhor iluminação. Festoneau continuou: “Quanto ao seu atraso, eu o esperava.” para me apresentar ao amanhecer. Uma limpeza completa dos estábulos é necessária.”

“Sim, frade.”

Festoneau verificou as rédeas amarradas com um puxão rápido e deu um tapinha no flanco do cavalo. Em seguida, afrouxou as correias da bolsa de malha de couro e a deslizou para fora do cavalo antes de arremessá-la para o outro monge. “Aqui está sua correspondência; empreste-me sua lanterna.” Eles trocaram as bolsas. Festoneau virou-se e ergueu a lanterna em direção a um gancho alto de poste.

“Desejas algo mais de mim, frade?” , perguntou o mensageiro.

“Sim”, respondeu o padre, fazendo esforço, enquanto mexia na lanterna.

“Já entendi!” reclamou o outro monge; “O que você está fazendo? Espere!”

Festoneau se virou e viu um soldado jogando a bolsa de correspondência sobre o ombro e saindo dos estábulos com a sacola. Ele respondeu: “Minhas ordens não se aplicam a você, padre — trata-se apenas de correspondência postal.”

Festoneau e seu escudeiro observaram o monge correr dos estábulos e gritar atrás dele. Soldado: “Ordens de quem? Traga de volta! Espere!”

Festoneau chamou o mensageiro com um gesto de mão. Ele ergueu os cascos, examinando a saúde de cada um de seus cavalos, ele sussurrou ao seu escudeiro: “Escute com atenção. Tenho mais uma tarefa para você. Espero que se esconda no estábulo esta noite — no sótão, lá em cima. Não se revele aos guardas. Você partirá para Avignon antes do amanhecer.”

“Sim, frade.”

“Você deverá entregar uma carta muito importante a Sua Santidade, que exige uma resposta imediata. A todo custo, você deverá permanecer em seu escritório até que ele a leia. Faça o que for preciso, mas mantenha-se firme diante dele. Entendeu?”

“Sim, frade — custe o que custar, e com o devido respeito.” O jovem fez uma leve reverência.

“E não espero que você retorne sem uma resposta, seja por escrito ou por palavra.”

“Muito bem”, disse Festoneau. “Voltarei amanhã de manhã e espero que você esteja pronto para cavalgar como

o vento. Desta vez, você montará o cavalo do Abade Vonig.”

O mensageiro sorriu, conhecendo a reputação do garanhão.

“Então suba.” O padre fez um gesto para que seu escudeiro subisse até as vigas antes de pegar a lanterna e voltar para o portão norte da Abadia.

A noite avançava e quase todos os monges e escudeiros do dormitório da Abadia já haviam se recolhido para dormir. Contudo, nos aposentos de Festoneau, uma lamparina a óleo iluminava uma escrivaninha pitoresca sobre a qual repousava um pergaminho endereçado a Sua Santidade. Festoneau rabiscou sua assinatura, mergulhou a pena no tinteiro e soprou a tinta para secá-la. Leu uma carta que detalhava os eventos desde a chegada de Blasi a Gardiens. O objetivo da carta era claro: perguntar ao Papa Clemente se ele havia nomeado um substituto para o Abade Vonig, um Cardeal de Avignon. Confessou a Clemente que temia o pior: que pessoas de fora do Concílio pudessem ter descoberto a existência da "reliquia", que a Abadia guardava. Festoneau dobrou a carta cuidadosamente. Aqueceu uma faca sobre a lamparina a óleo e cortou um canto de um bloco de cera antes de selar a carta com a cera derretida. Soprou o selo para secá-lo.

Subitamente, a lamparina a óleo oscilou. A carta em suas mãos tremulou. Uma corrente de ar frio pareceu preencher o quarto. Festoneau voltou o olhar para confirmar se a janela estava bem fechada. Naquele ambiente antinatural, Com frio, tossiu e viu a névoa inconfundível em sua respiração. O padre saltou da escrivaninha e girou, procurando nos cantos escuros de seus aposentos *por—Ela*.

Contudo, encontrou apenas uma silhueta de pé no canto mais distante. Deu um passo para o lado para permitir que a lamparina de óleo lançasse seus raios e revelasse a forma sombria. Seus ossos se derreteram; o horror o consumiu, como se um rio de piche em chamas pudesse fluir sobre ele. O Espírito da pedra estava diante dele, completamente nu, com olhos negros brilhantes, longos cabelos e um sorriso debochado para sua alma vulnerável. O sacerdote a conhecia como todos os monges da Abadia a conheciam: o Demônio assombroso e fornicador de séculos atrás — a *Rainha Reinante dos Súcubos* e fonte materna perversa de todas as figuras grotescas que adornavam os terraços da catedral da Abadia.

“Não!” Festoneau enfiou a carta atrás das costas.

“Ora, ora, homem santo. Não vos agradei tanto?”, entoou Lucifael em meio a um coro de mil mulheres.

“Eu imploro : retire-se de mim.”

"Oh, mas não posso, meu senhor", ela zombou.

"Eu me entreguei a Deus", balbuciou Festoneau. Assim como muitos dos monges da Abadia, até mesmo Festoneau tinha sua própria estátua alada no topo da catedral, erguida muitos anos depois.

"É assim que você chama isso? Deus?" , perguntou ela sarcasticamente enquanto se aproximava. "Ele é o seu Senhor e Rei. Vá embora, *Mulher-Espectro!*"

Lucifael parou diante dele e juntou as mãos atrás das costas enquanto perguntava, com certa inocência: "O que é esta folha que você tenta esconder de mim, Festoneau?"

O sacerdote ficou paralisado, tremendo. "Em nome de Deus, saia deste lugar sagrado."

Ela se inclinou ao redor dele como se estivesse curiosa sobre a carta escondida, e Festoneau a encontrou.

Ele próprio contemplava os seios fartos dela, suspensos à luz do candeeiro.

"Gosta delas, meu senhor? Elas lhe agradam?" Ela perguntou num sussurro sedutor, sem levantar os olhos. Festoneau desviou o olhar: "Vá embora, *Prostituta Diabólica*, em nome de tudo que é santo e sagrado!"

Ela se levantou e perguntou: "Ir embora? Você escreve uma carta que me convoca e depois deseja que eu vá embora?" Um sorriso malicioso surgiu em seus lábios e a carta explodiu em chamas.

Ele retirou as mãos bruscamente e o papel flutuou até o chão, transformando-se em um quadrado de cinzas quebradiças.

"Então, foi tão assustador ou terrível assim?", perguntou ela, colocando os braços levemente sobre os ombros dele. Ele se desvencilhou e correu para a porta, mas ela não se abriu. Socou-a com o punho e tentou gritar quando ela acenou com um dedo de unha preta, e sua garganta silenciou. Novamente, ele bateu na porta, mas nenhum som ecoou pelo cômodo.

"Muitas estações se passaram desde a última vez que você provou da carne — e de mim. Mesmo agora, eu sinto a ardência em seus lombos; contudo, eu o pouparei da dor da saudade. Sente-se na cama, mas lembre-se de que eu não me deitarei embaixo de você." Ela acenou com a mão e devolveu a voz a ele.

"Não vou!" ele cuspiu as palavras, recuando para o canto entre a porta e a parede.

Ela atravessou o quarto com passos leves e o ajudou a sair do canto, guiando-o em direção à cama enquanto o consolava com um sussurro: "Empreste-me sua semente mais uma vez, homem santo. Só então lhe pedirei que parta."

Festoneau se afastou, encostando as costas na parede. Lucifael o encurralou entre a escrivaninha e a cama. Ela se inclinou em direção ao seu rosto. "Você ainda tem ânimo, meu vigoroso santo . E não sou eu digna aos seus olhos?" Ela ajeitou as rugas de sua túnica e o encarou. Ele olhou para ele com um sorriso de satisfação.

"Não farei isso. Nunca mais", disse ele a Ela. No estreito espaço entre seus rostos, Festoneau tocou a testa e o torso em sinal de cruz. Lucifael inclinou-se para trás, seus olhos negros fulminando-a. Ela agarrou o padre pelo queixo. Incisivos caninos se formaram em sua boca enquanto falava. "Minha paciência está se esgotando. Peço sua permissão apenas porque

Você tem a intenção de dá-lo. Não confunda isso com escolha — é apenas dignidade que eu o concedo. você."

"Mas por que vocês continuam a fazê-los? Eles estão todos mortos — expostos ao sol — transformados em pedra."

Ela deu uma risadinha. "Milhares morrem para que milhares possam viver. Essa é a natureza da Vida e Morte. O que você conhece além da luxúria e da culpa?"

"Seus grotescos estão mortos! Todos eles! Não passam de estátuas sem vida no topo da catedral!"

Ela olhou nos olhos dele. "Chega de palavras vãs, homem santo. Você me emprestará sua semente ou não?"

"Você comparecerá perante o juiz—"

Ela o interrompeu com um gesto de sua unha negra e roubou-lhe a voz novamente. Ele tentou se virar, mas não conseguiu se afastar dela.

Ela o encarou com o cenho franzido, estreitando seu olhar negro. "Como desejar. Nunca precisei do seu consentimento." Ela passou os dedos pelo rosto dele, buscando penetrar em sua mente. De repente, o sacerdote enrijeceu e estremeceu; seus olhos arregalados e lacrimejantes apenas observavam sua mão trêmula alcançar a lâmina manchada de cera sobre a mesa. "De fato, meu caro santo homem", Lucifael, imerso em terror, "você me entregará o que é meu. Pegue -o; use-o. Eu sou seu deus exilado e errante que agora lhe dá ordens." Ela riu como se várias mulheres rissem ao mesmo tempo, e sua voz engrossava em oitavas a cada palavra. "*Nunca existiu um deus nômade tão maligno quanto ele—* "

Subitamente, sua cabeça se contorceu com um estalo enquanto se remodelava na cabeça em decomposição de um chacal . Ao redor de seu novo focinho, pedaços de pele faltando expunham ossos corroídos. Um odor rançoso emanava de sua cabeça e impregnou o ar do cômodo. Então ela agarrou seus ombros, inclinou-se em seu ouvido e sussurrou com um suspiro: "— como eu." Festoneau observou sua mão erguer a faca.

Lucifael acariciou o peito dele, enquanto inclinava a cabeça como um cão curioso, à medida que a lâmina trêmula se aproximava do sacerdote.

"Descanse em paz, homem santo", ela o consolou com um hálito sufocante de animal . "Para que eu possa livrá-lo da dor ardente do Homem."

O pavio da lamparina extraiu suas últimas gotas de óleo do recipiente quase vazio; e sua chama oscilava erraticamente, como se consumida em uma feroz dança de fogo, num esforço para romper a escuridão implacável e envolvente e manter-se acesa.

Do lado de fora do dormitório da Abadia e por todo o pátio, nenhum soldado viu o fraco brilho pulsante que emanava da estreita janela dos aposentos do padre. Ninguém

Viu o brilho se dissipando e o quarto escurecendo cada vez mais. Nenhum monge despertou de seu sono tranquilo. O tempo passou e a noite foi se dissipando lentamente.

~\*~

Antes do amanhecer, uma série de gritos lancinantes ecoou pelo dormitório e uma crescente multidão de soldados e monges sonolentos desceu o corredor em direção aos aposentos de Festoneau . Eles invadiram sua cela e encontraram o quarto em completa desordem, com móveis revirados, pertences pessoais destruídos e pergaminhos rasgados que cobriam o chão e os móveis como neve. Não foram as centenas de pedaços de pergaminho que fizeram os monges fugirem do quarto tão apressadamente quanto entraram. Nem foi a desorganização do cômodo que fez os soldados atordoados recuarem . Foi o fato de as paredes e o chão estarem tão salpicados de sangue que o cheiro do recinto era pungente, com um odor metálico.

Diante deles, Festoneau, soluçando, estava sentado no canto mais afastado de seu quarto, ao lado de seu livro virado. O sacerdote estava deitado na cama , segurando um martelo no colo coberto pela túnica, que jazia encharcado de sangue coagulado. Sua outra mão, sem vida, estava crucificada contra a cabeceira, com uma lâmina atravessando a palma inchada. Ao perceber a multidão à sua porta, o sacerdote se ajoelhou rapidamente, cravando a lâmina ainda mais fundo na palma da mão e na cama, gritando passagens bíblicas sobre Jesus. Crucificação. O suor escorria de sua testa, e seu olhar vidrado e o branco de seus olhos percorriam a sala como o olhar desfocado de um cão raivoso. Soldados avançaram para deter seu braço que empunhava o martelo, e ele esmagou o rosto de um deles antes que pudessem salvar o padre de si mesmo. Imobilizado e ofegante, Festoneau desabou e os soldados libertaram sua mão crucificada.

Infelizmente, Festoneau morreu naquele dia; e somente após seu falecimento — durante os preparativos para o sepultamento — alguns de seus companheiros monges descobriram que ele havia usado a lâmina em mais de um dos seus corpos. mão. Aparentemente, em meio à loucura que se desenvolveu, o sacerdote havia se castrado; contudo, uma busca particular minuciosa em seus aposentos não revelou nada. Ao descobrir isso, Blasi ordenou que os monges que souberam da automutilação permanecessem silenciosamente, esfregue a insanidade de Festoneau do chão e das paredes antes de selar o falecido frade. quarto de dormitório por tempo indeterminado. E assim, o Frei Festoneau, envolto em pano, tornou-se o mais recente residente de uma esplêndida e bem adornada cripta de catacumba, outrora reservada ao falecido Abade Vonig; e, felizmente para Blasi, a terrível distração serviu bem para desviar a atenção dos monges residentes do propósito mais portentoso que ele ainda acalentava.

[Fim do Capítulo 5]



Esta obra literária foi criada exclusivamente em homenagem a

## Edgar Allan Poe (1809-1849)

— Que seu legado viva em todos nós —



~[GothicNovel.Org](https://www.gothicnovel.org)~